

Quando ando pela rua, estou sempre em busca do meu trabalho. Passante, espero pela revelação da forma poética oculta pelo hábito, fitando a luz sempre diversa, a construção/destruição da cidade, os reflexos, o movimento das pessoas, as sombras, os espaços. As imagens que se apresentam, rigorosamente estruturadas, mas independentes de qualquer intenção, feitas e desfeitas a todo instante, que apenas existem num certo olhar. São soma de uma presença, um tempo, um espaço, um ponto de vista. As cores de um fragmento de mundo parecem ter sido cuidadosamente escolhidas. Alguns minutos antes ou depois, um mínimo deslocamento da luz solar alteraria tudo, desfazendo a estrutura da imagem. Passando na calçada oposta, ela não se revelaria. Um quadro que jamais saberia imaginar. A qualquer momento, em qualquer lugar, em muitas cidades que são uma só: aquela criada por minha presença. A experiência poética nem sempre se dá nos recintos oficiais; preciso estar atento, porque o Instante não se anuncia. Mas a cidade fica paisagem quando estou distraído. Para ver o que vejo todos os dias, preciso ser estrangeiro. O mundo é aqui. Mas é uma viagem, ir até aqui.

Abril de 1999

O que costumamos chamar de contemporaneidade não pode ser concebido de maneira estática e simplista. Trata-se, na verdade, de inúmeros presentes simultâneos, em mudança, mas ritmos e direções diferentes, onde o tempo não se separa de seu espaço, e o agora continua sendo parte da história. Deslocam-se muito menos, no entanto, os centros reais de poder: controlando as informações, projetam a imagem de uma contemporaneidade harmônica, que desejam cada vez mais afinada com seus interesses. Alguns participam da dinâmica da nova economia através da tecnologia de ponta, absorvidos pelo mundo virtual. Muitos outros, com os velhos esforços físicos e mecânicos, sentindo toda brutalidade dos fatos. São duas faces do mesmo fenômeno: às estatísticas correspondem vidas humanas.

O mundo artístico participa do mundo. Por mais que se insista que a arte só pode falar de si mesma, não deixa de gerar capitais e poder, como qualquer outra mercadoria. A gravura em maior evidência só pode ser realizada naqueles locais onde o mercado de arte e a economia como um todo permitem os investimentos necessários, e garantem seu retorno. Pelo menos no plano material, toda realização artística sofre tais influências, contribuindo para as opções estéticas. O espaço não se expande além dos limites dos financiamentos, que são mais generosos apenas nas grandes ocasiões, quando se erguem vastos cenários. Nenhum meio *a priori* garante o nível poético ou contemporaneidade: só pode ser considerado enquanto veículo de um processo artístico. No uso massificado, as mesmas tecnologias de ponta capazes de suscitar uma emoção autêntica e uma experiência estética ilustram o quanto é ambígua a noção de contemporaneidade: produzem infindavelmente um futuro virtual, novas sensações

visuais, cujo objetivo principal é, numa expressão famosa, que as coisas mudem para que continuem as mesmas.

Nada aponta para uma superação das disparidades mundiais, e muito menos das brasileiras – pelo contrário, a exclusão parece aprofundar-se. Provavelmente, aqui continuaremos desfrutando por um longo tempo do privilégio da intervenção artesanal plena no processo gráfico, podendo vivenciar a experiência artística em sua totalidade. Não é tão pouco poder continuar dissonante, ou mesmo desafinado, no meio da harmonia globalizada, quando o cinismo, o vazio e o conformismo parecem ser a opção de um número crescente de artistas, críticos e curadores.

Junho de 2000